

Mordidas, Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza. Pigmento mineral sobre papel algodão. 21 x 30 x 5 cm, 2025.
Fotos: Jackson Yonegura



ESPECIAL

PRÊMIO ABCA CRÍTICA PARA QUÊ? UM BALANÇO DO PRÊMIO ABCA EM 2025

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA,
PRESIDENTE DA ABCA

Vou iniciar este texto lançando mão de um meme para fazer uma breve avaliação deste início de gestão da ABCA: primeiro a gente começa, depois a gente melhora. Parece simples, mas traduz muito bem o trabalho enorme e silencioso que dá cuidar da ABCA. Tem sido um esforço coletivo, cheio de desafios, mas que, passo a passo, vai se aprimorando.

A cerimônia do Prêmio ABCA pode ser considerada uma boa medida para avaliar os caminhos que esta gestão vem trilhando: acompanhar as mudanças, abrir espaços, gerar sensibilidades para entender (ou, pelo menos, acompanhar) as mudanças velozes que marcam o sistema da arte brasileira. É desta forma que o Prêmio ABCA cumpre sua função de pontuar na história da arte brasileira o papel de artistas, gestores, curadores e críticos que estão fazendo a diferença.

O clima foi de felicidade. O Teatro Antunes Filho, no Sesc Vila Mariana, estava cheio e animado. Muitas salvas de palmas, assovios, gente jovem de dentro e de fora da ABCA, e a excelente condução da mestra de cerimônias Magô. O *pocket show* da Bruna Black embalou

o ritmo perfeito da cerimônia, que já vinha sendo planejada detalhadamente nas últimas semanas. A fala dos artistas Sheilla Souza e Tadeu Kaingang, do coletivo Kókir, que fez o troféu deste ano juntamente com a comunidade Kaingang, emocionou a todos. É impressionante a quantidade de detalhes para que não fossem cometidas as gafes tão comuns em uma cerimônia como esta. Os retornos positivos e as parabenizações no elegante coquetel

oferecido pelo Sesc coroaram a sensação de que tudo deu certo.

Os dois dias seguintes dedicados à *Jornada ABCA* também foram marcados por ricas trocas de experiências. Entre comunicações e mesas-redondas, pessoas das mais variadas gerações revelaram uma faceta sobre a qual esta gestão tem primordial interesse: entender as institucionalidades das artes, seus desafios, ameaças e respostas, em seus mais diversos



A mestre de cerimônia Magô
Foto: Rafaela Araújo



Show de Bruna Black
Foto: Rafaela Araújo

O Prêmio ABCA, que existe desde 1978, com algumas poucas interrupções, é certamente um dos momentos mais importantes da nossa Associação. Não pretendo romantizá-lo, pois sei que ele sempre gera discordâncias – mas isso é natural, afinal a arte, como construção social, também é feita de tensões e disputas. Meu intuito é dinamizar processos e, por isto, os dois grupos de trabalhos que ocorreram na jornada já adiantaram algumas importantes melhorias:

âmbitos e espaços, a começar pela própria crítica de arte e a pergunta que sempre nos ronda: crítica para quê? Enquanto as comunicações apresentaram interessantes exemplos; as mesas-redondas, organizadas primorosamente pela colega Sylvia Werneck, trouxeram valiosas contribuições para a construção de um conhecimento sólido em torno de nossos questionamentos.

Tadeu Kaingang e Sheilla Souza
Foto: Rafaela Araújo



diretrizes para o processo do Prêmio em 2026 e o início da revisão do Estatuto da ABCA.

Ouvi de muitas pessoas que este ano o prêmio estava diferente, e isto me deu muita alegria. Estou feliz de estar à frente de uma ABCA que está mudando: tornando-se mais diversa, atenta às transformações expressivas que acontecem no mundo e nas artes. A recente criação da Comissão de Pluralidade foi um passo essencial nesse caminho; lembremos que dela nasceram duas novas categorias do prêmio: o Prêmio Emanuel Araújo e o Prêmio Yêdamaria. Ao mesmo tempo, a gestão anterior também deu novos impulsos, lançando os destaques regionais, prova da vontade da ABCA de promover uma maior justiça geopolítica no reconhecimento das artes no Brasil.

Sei que o Prêmio sempre envolve decisões subjetivas e complexas, mas posso afirmar com serenidade que esta diretoria trabalhou com responsabilidade, buscando equilibrar mudanças com qualidade. Também tomamos decisões políticas, pois

queremos que o Prêmio seja reflexo de uma postura comprometida com a potência transformadora da arte.

Como presidente da ABCA, quero deixar um legado comprometido com a ideia de que a arte ainda pode e deve ser um espaço de crítica social, de desestabilização de certezas, de abertura para novas narrativas e de construção de imaginários mais justos e plurais. E sempre tendo em vista que o próprio sistema da arte tem suas

contradições, permeadas por formas de operar elitistas e excludentes, perpetuadas por desigualdades históricas de acesso, reconhecimento e participação. Por isso, torna-se ainda mais urgente o papel da ABCA em tensionar essas barreiras, abrindo espaço para outras vozes, linguagens e experiências que ampliem a noção de arte e de seus protagonistas.

O conjunto de premiados este ano evidenciou essa direção. Ao



Da esq. para
dir. Paulo
Bruscky,
Alessandra
Simões e Paulo
Nazareth
Foto: Rafaela
Araújo



O discurso
emocionante de
João Cândido
Foto: Rafaela
Araújo

vermos lado a lado artistas como Paulo Bruscky e Paulo Nazareth, reconhecemos a persistência de uma vertente da arte brasileira cuja ousadia formal e política desafia fronteiras entre arte, comunicação e sociedade. Ao mesmo tempo, a presença da comunidade indígena na concepção de nossos troféus, o reconhecimento do JAMAC e de Mônica Nador, a atuação de Naine Terena e Gustavo Caboco junto a processos coletivos

e a consagração do tão ovacionado pintor João Cândido demonstram que é possível redesenhar o mapa das artes brasileiras a partir de perspectivas plurais e transformadoras.

Agradeço a todos os colegas da diretoria atual, que me apoiam constantemente: especialmente aos vice-presidentes Carlos Terra, companheiro em todas as decisões, e Hércio Magalhães, sempre tão prestativo com as tratativas junto

ao Sesc. Agradeço imensamente a Cristiêlen Ribeiro, nossa primeira secretária, incansável nas muitas tarefas; e a Alexandre Araujo Bispo, nosso primeiro tesoureiro que enfrentou o “monstro Excel”, com a ajuda diligente de Michele Petry. Também agradeço a Gabriela Abraços, uma das pessoas mais dedicadas à ABCA, que me ajudou nos detalhes desta celebração.

Agradeço também aos vice-presidentes regionais: Robson Xavier da Costa, representando o Norte/Nordeste; Ana Lúcia Beck, do Centro-Oeste; Alecsandra Matias de Oliveira, do Sudeste; e Luciane Garcez, do Sul. Todos empenhados em tornar este prêmio mais justo em termos geopolíticos. Meu reconhecimento vai ainda ao amigo Emerson César Nascimento, que entrou pela Comissão de Pluralidade e que tem sido uma presença de apoio constante; e a Afonso Medeiros, por seu perene esforço em mostrar que norte e nordeste são uma grande força da criatividade brasileira; além de Leila Kiyomura e sua equipe, lutadora incansável pela sobrevivência da nossa excelente revista *Arte &*

Crítica. Destaco ainda o trabalho relevante de Marcelo Conrado com seu detalhado esmero em conduzir a revisão de nosso estatuto.

Espero que em 2026 tenhamos mais de tudo. Mais alegria, mais diversidade, mais política e mais transformação social. Esta edição do Prêmio ABCA reforçou minha convicção de que a arte pode, sim, transformar as estruturas arcaicas que ainda insistem em permear este sistema. Nesse horizonte, a crítica também reafirma sua potência. Ao afirmar que nunca se deixou cooptar e que sempre pôde dizer o que pensa, o crítico Fábio Cypriano, em sua fala ao receber o prêmio, nos lembra que a crítica só cumpre sua função quando é livre, independente e corajosa. A crítica tem poder porque sustenta a possibilidade do debate, do tensionamento e da abertura ao novo. Ao reconhecê-la como parte indissociável da arte, reafirmamos o papel da ABCA em preservar um espaço de reflexão lúcida e comprometida, capaz de intervir nas contradições do presente e de apontar caminhos possíveis para o futuro.

COLETIVO KÓKIR NA ABCA: A MORDIDA E A FOME

Os troféus e as gravuras da menção honrosa para esta edição do Prêmio ABCA foram produzidos pelo coletivo Kókir juntamente com a comunidade indígena Kaingang. Formado por Tadeu Kaingang e Sheilla Souza, o coletivo deixou sua marca colaborativa com a criação da coleção *Jógnam* (pronuncia-se “iódug”), que compõe a série de troféus do Prêmio ABCA, e a série



Mordidas, Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza. Pigmento mineral sobre papel algodão. 21 x 30 x 5 cm, 2025. Fotos: Jackson Yonegura

Mordidas, as gravuras em caixa acrílica que foram distribuídas como Menção Honrosa durante a cerimônia.

Os artistas explicaram que, “mais que obras de arte, as peças se destacam como uma declaração potente de existência e resistência”. O título *Jógnam*, que significa “mordida” em Kaingang, traduz a poética da série. “Uma mordida aqui não é apenas um gesto físico, mas um símbolo multifacetado de dor, esperança e renovação. As



Coleção *Jógnam* (Mordida em Kaingang). Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza. 21 x 22 x 3 cm, 2025. Fotos: Tadeu Kaingang

obras, inicialmente criadas como um prêmio para homenagear artistas na edição de 2024 da ABCA, transcendem sua função de troféu para se tornarem rezos, memórias e afirmações de vida”, afirmaram Sheilla e Tadeu.

O coletivo tece em suas obras o trançado, que na cosmovisão Kaingang representa o pensamento e a própria forma de existir. Ao unir elementos opostos e complementares, presentes na cosmovisão Kaingang, como as linhas longas do grupo clânico Kamé (sol) e as formas arredondadas do grupo Kainru (lua), o Kókir celebra a união de forças e complementaridades. Essa fusão de opostos é um lembrete de que a vida e a criação florescem no encontro.

A mordida, elemento central das obras, evoca a fome em suas diversas manifestações: a fome física que assola os povos indígenas privados de seus territórios, mas também a fome por ancestralidade, reconhecimento e futuro. A mordida denuncia a violência e a invisibilidade, enquanto, paradoxalmente, anuncia a vitalidade e a criatividade. “A reflexão sugere que, mesmo diante da escassez, a fome pode ser a força que nos move, impulsionando a reinvenção e a resistência”, declaram os artistas.

As gravuras da série *Mordidas* também são um testemunho dessa resiliência. Elas foram feitas partindo da observação da transformação de grades

de ventiladores em fruteiras, feita pelo povo Kaingang do Ivaí, na cidade de Maringá (PR). Tecendo sobre essas grades de ventiladores achadas nas ruas com fita sintética, os Kaingang simbolizam a habilidade de converter resíduos em alimento e a carência em abundância. Ao recortar uma “mordida” nesses objetos, o coletivo Kókir ressignifica o artefato, transformando-o em um poderoso símbolo de uma realidade social e cultural complexa.

As obras do coletivo Kókir “mordem” o esquecimento e nos convidam a uma reflexão profunda sobre nossa relação com a abundância e a falta. *Jógnam* e *Mordidas* são testemunhos vivos de

uma fome que, em vez de paralisar, impulsiona a vida e a memória. Elas reforçam que a arte indígena não é algo do passado, mas uma força contínua, uma mordida que clama e transforma o mundo.

SOBRE O COLETIVO KÓKIR

Formado pelos artistas Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza, o coletivo Kókir apresenta em suas criações questões relacionadas às culturas indígenas na contemporaneidade. Kókir significa fome na língua Kaingang. Tadeu e Sheilla atuam no curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e são membros da Associação Indigenista – ASSINDI – Maringá (PR).

O diálogo entre arte, cidade e povos indígenas configura-se em diferentes meios, como instalações, pinturas, objetos, fotografias, vídeos, performances e publicações. Os trabalhos realizados pelo coletivo buscam a reflexão sobre a importância dos saberes indígenas em interações com grupos, comunidades e artistas indígenas e não indígenas.

O coletivo Kókir é uma força criativa que celebra a arte, o território e a autoria compartilhada. Transforma a arte em meio de resistência e reconexão, honrando as identidades indígenas e abrindo caminhos para o “bem viver”. Esse é um convite ao encontro com o sagrado, um rezo contínuo que harmoniza o presente com a ancestralidade, e os seres com a terra e o céu.



Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza
Crédito: Jackson Yonegura



Encruzilhada, 2022.

Coletivo Kókir: Joamilto Fosag da Silva, Luiz Ragrag da Silva, Sheilla Souza e Tadeu dos Santos.
Fotografia: Jackson Yonegura
Acervo do Museu Paranaense (MUPA)



Coleção Kíkov

Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang e Sheilla Souza.
Bolsas com trançado Kaingang e lona de banner reciclado.
Bolsa: 33 x 37 x 5cm -
Alça: 110 cm, 2025
Fotos: Sheilla Souza

CONFIRA OS PREMIADOS



Prêmio Gonzaga Duque - Crítico associado por sua atuação ou publicação de livro
Alecsandra Matias
Alecsandra Matias recebe troféu como melhor crítica de Alessandra Simões. Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Mário Pedrosa - Artista contemporâneo
Paulo Nazareth
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Sérgio Milliet - Destinado a um pesquisador (associado ou não), por trabalho de pesquisa publicado
Carlos Terra
(Livro *Parque Lage: Uma História de Contrastes*)
Carlos Terra recebe o Prêmio de Isis Braga
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Ciccillo Matarazzo - Personalidade atuante no meio artístico
Luisa Strina
Subiu ao palco Naiade Margonar, Coordenadora de Produção da Galeria. Entrega o troféu João Spinelli
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Mário de Andrade - Crítico de arte, pela trajetória

Fábio Cypriano

Fábio Cypriano recebe o troféu de Flávio Rocha de Deus

Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Clarival do Prado Valladares - Destinado a artista, pela trajetória

Paulo Bruscky

Paulo Bruscky e Robson Xavier

Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade - Instituição, por sua programação

Museu de Arte do Rio - MAR

Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Maria Eugênia Franco - Curadoria de exposições

Maria José Justino e Fabricio Vaz Nunes (Exposição “Trilhos e Traços - Poty 100 anos”, Museu Oscar Niemeyer-MON)

Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Antônio Bento – Difusão das artes visuais na mídia
Revista *Arte & Ensaios*
Rogéria de Ipanema e Felipe Scovino recebem troféu de Carlos Terra
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Paulo Mendes de Almeida – Melhor exposição
“*Trilhos e Traços – Poty 100 anos*”, Museu Oscar Niemeyer-MON
Equipe do MON recebe o prêmio entregue por Marcelo Conrado
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Emanuel Araújo – Coleção/Acervo/Conservação/Documentação histórica
Rosângela Britto (coordenadora do projeto de pesquisa e documentação museológica do acervo de Artes Visuais do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas)
Rosângela Britto subiu ao palco com Renata Maués e recebeu o prêmio de Afonso Medeiros
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Gilda de Mello e Souza – Reconhecimento de críticos(as) em início de carreira
Bruna Fetter
Foto: Rafaela Araújo



Prêmio Yêdamaria (Yêda Maria Corrêa de Oliveira) – Destinado a instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

Jardim Miriam Arte Clube – JAMAC

Mônica Nador e equipe JAMAC recebem prêmio entregue por Sylvia Werneck
Foto: Rafaela Araújo



Destaque Centro-Oeste
Naine Terena e Gustavo Caboco (Casa Vituká)
Foto: Rafaela Araújo



Destaque Sudeste
Marcelo Campos
Foto: Rafaela Araújo



Destaque Norte
Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea
Lêda Martins e Marinês Esbell recebem o troféu de Alecsandra Matias
Foto: Rafaela Araújo



Destaque Nordeste

Véio (Cícero Alves dos Santos)

Marisa Mokarzel entrega o troféu a Rafael Alves Scarazzati, representante do artista Véio

Foto: Rafaela Araújo



Véio veio representado por Rafael Alves Scarazzati, que trouxe sua obra como agradecimento

Foto: Rafaela Araújo



Destaque Sul

Sandra Makowiecky

Sandra Makowiecky recebe o troféu de Lisbeth Rebollo

Foto: Rafaela Araújo



Emerson Nascimento com o homenageado Afonso Medeiros com Menção Honrosa

Foto: Rafaela Araújo



Hélcio Magalhães entrega a Menção Honrosa a Guto Lacaz, representado por sua filha Nina

Foto: Rafaela Araújo



Sylvia Werneck recebe Menção Honrosa, entregue por Juliana Crispe

Foto: Rafaela Araújo



Homenagem surpresa a Sandra Makowiecky, da esq. para a dir. Lisbeth Rebollo, Alessandra Simões, Luana Wedekin, Sandra Makowiecky, Ana Lúcia Beck, Luciane Garcez, Maria Amélia Bulhões

Foto: Rafaela Araújo